

28 junho 21h30  
auditório TAGV  
duração aprox. 1h45  
M16

TEXTO E ENCENAÇÃO  
Mickaël de Oliveira

INTERPRETAÇÃO  
Afonso Santos, Bárbara Branco,  
Beatriz Wellenkamp Carretas,  
Fábio Coelho, Gabriela Cavaz,  
Luís Araújo, Inês Castel-Branco

PARTICIPAÇÕES ESPECIAIS  
Eduardo Breda, Francisco Ferreira,  
João Tarrafa

DESENHO DE VÍDEO  
E CINEMATOGRAFIA  
Fábio Coelho

CENOGRAFIA E FIGURINOS  
Pedro Azevedo

DESENHO DE LUZ  
Rui Monteiro

APOIO COREOGRÁFICO  
Cristina Planas Leitão

SONOPLASTIA E COMPOSIÇÃO  
Sérgio Martins, Rui Lima

CARACTERIZAÇÃO  
Anna Carneiro

DIREÇÃO DE PRODUÇÃO  
Gabriela Cavaz (Colectivo 84),  
Susana Pinheiro

PRODUÇÃO EXECUTIVA  
Héloise Rego (Colectivo 84),  
Hugo Dias

MEDIAÇÃO  
Mária João de Vasconcelos  
(Colectivo 84)

COMUNICAÇÃO  
Marta Ferreira, Bruno Barreto,  
Pedro Magalhães, Rui Costa

DIREÇÃO TÉCNICA  
João Monteiro

DIREÇÃO DE COMUNICAÇÃO  
Marta Ferreira

## Crocodile Club

### O Corpo de Clara

*Crocodile Club* inscreve-se numa tradição de teatro fantasmagórico, com raízes nos grandes espetáculos e saraus que, a partir de meados do século XIX, mesclavam ciência, paraciência e espiritismo em vários pontos da Europa. Depois de *Hantológico* (2019, TAGV) e *Festa de 15 Anos* (2020, TNSJ) — dois trabalhos que, de formas distintas, ensaiavam a ideia de espectro como presença e dispositivo dramatúrgico —, iniciei em 2022 uma investigação sobre práticas mediúnicas nas artes performativas. Procurava encontrar pontos de tensão entre o artístico e o espectral na sua performatividade — uma vizinhança que, durante décadas, marcou as programações teatrais, quando o palco se abria a corpos atravessados por vozes, presenças e mensagens oriundas de outro lugar. A investigação materializou-se no objeto digital *Ecos\_3* (disponível no site do Coletivo84), co-criado com Lígia Soares e João Garcia Neto. Talvez pela descontinuidade da tradição dos espetáculos de fantasmagoria, é hoje mais fácil vincular *Crocodile Club* à linhagem do cinema de terror — uma tradição que, aliás, o espetáculo também reivindica, nomeadamente pela utilização de um forte dispositivo audiovisual, como fonte de ficção e moldura para a sua receção.

O teatro fantasmagórico e o cinema de terror são territórios privilegiados da metáfora e da alegoria — da mais subtil à mais grosseira —, e *Crocodile Club* propõe a evocação de um fantasma que, como certas doutrinas, se transfere de corpo em corpo, esgotando-os numa cadeia de possessão ininterrupta que garante a sua propagação e adia o seu colapso. No espetáculo, esse espírito — de matriz nacional-socialista — não se instala pela força, mas pela empatia: encarna em corpos afáveis, comunicantes, saudáveis. Os espíritos, como as ideologias, são sempre sedutores nas primeiras fases da possessão.

Mas *Crocodile Club* é também sobre o reverso do espírito — o corpo. Um corpo sistematicamente convocado ao longo da peça, ora como lugar de desejo, ora como ameaça. Esses corpos — desejados, sacrificados, profanados — evocam uma iconografia cristã marcada pelo sangue do seu messias e dos seus mártires. Reencontramo-la na nossa mitologia mais recente: da decapitação de São João Baptista à Paixão de Cristo, dos estigmas dos santos às sagas contemporâneas de exorcismo — de Frankie Paige a Emily Rose. Ainda, se os anjos não têm género, escolheu-se o masculino para caracterizar o fantasma parasitário do corpo de Clara — jovem e fértil — que se torna involuntariamente espaço de inscrição desse outro, desse estranho, que fala por ela. Não é apenas uma figura de possessão ideológica: é também uma imagem da representação do feminino como território de conquista. *Crocodile Club* não esconde a iconografia do martírio contemporâneo do corpo feminino — sujeito ainda ao controlo, à violação, reeducação ou morte, num país onde a taxa de feminicídios continua entre as mais altas da Europa. É também nesse contexto cultural que o corpo de Beatriz, candidata populista, é esquartejado: não como punição, mas como solução prática e apressada para um problema maior — a sua dissimulação para evitar a criação de um novo mausoléu ideológico. O esquartejamento torna-se



## DESIGN GRÁFICO

Eduarda Fontes, Susana Sousa

## FOTOGRAFIAS

Bruno Simão, Ana Brígida

## PRODUÇÃO

Colectivo 84, Teatro Oficina

## COPRODUÇÃO

Teatro Aveirense,  
Teatro Nacional São João

## PARCERIA DE CRIAÇÃO

## E APRESENTAÇÃO

Fábrica ASA, Centro Cultural  
Vila Flor, Teatro Académico  
de Gil Vicente

## APOIO

Direção Geral das Artes —  
Ministério da Cultura

## PARCERIAS

Angelourenzzo, GrETUA,  
CIM do Ave, Belbrisa

## AGRADECIMENTOS

Teatro da Garagem, Pólo Cultural  
das Gaivotas, Leonor Figueiredo,  
Museu das Comunicações  
de Lisboa, Um Segundo Filmes,  
Mala Voadora

então alegoria daquilo que o espetáculo observa com inquietação: a tendência para esconder o problema, apagá-lo ou dispersá-lo.

*Crocodile Club* assume por isso um outro espírito, maior – o do nosso tempo inquietante, marcado por catástrofes anunciadas e por uma crescente complacência em relação à extrema-direita. A complacência é cultural, mediática, institucional e historicamente cíclica. Evoca, como decalque, o caminho permissivo que levou Hitler a Führer, a Alemanha a declarar-se um Terceiro Reich e ao extermínio imparável de minorias. Mas a extrema-direita de hoje apresenta-se com novos rostos, outros símbolos, mestre de uma arte aperfeiçoada do disfarce. Na aparência, o inimigo mudou igualmente.

A distorção é política — e, por isso mesmo, semântica. Não é por acaso que o corpo de Clara é o palco de ambas. Quando Marine Le Pen, condenada por desvio de fundos europeus, invoca Martin Luther King Jr. como símbolo de resistência; quando Elon Musk acena com uma saudação nazi a uma multidão trumpista e nega o gesto; quando Trump mente sistematicamente e acusa a imprensa de desinformação — já não assistimos a contradições, mas a um novo léxico do poder. A negação tornou-se argumento. A mentira, estratégia. O insulto, performance. Em 2016, Trump afirmou que poderia matar alguém na 5.ª Avenida sem perder votos — e venceu. A quem é atribuída a célebre frase “Não existe má publicidade, apenas publicidade?”. A Phineas Taylor Barnum (1810-1891), empresário norte-americano de espetáculos de *aberração* e fantasmagoria, e um dos fundadores do circo moderno.

Não raras vezes, sinto que existem no nosso tempo acessos diretos (verdadeiros portais) para um mundo coberto de trevas por onde se observa a morte a circular novamente por superstição e ignorância organizada; guerras, epidemias, catástrofes ambientais, desprezo pela diferença, adesão a mitos antigos reciclados como verdade; onde poetas, bruxas e cientistas são silenciados — não em fogueiras, talvez, mas em campanhas de descredibilização, em decretos expeditivos e punitivos.

Num mundo a fumegar pelos piores motivos, o que podemos nós pelo corpo de Clara?

— Mickaël de Oliveira